

editorial

ESCALAS TÉCNICAS E AFINS

Não é fácil explicar. Assumimos que, por alguma razão, não temos sido eficazes na explicação - apesar de abordarmos este assunto há anos e mais anos e mais ainda... É verdade que pregamos no deserto. E não é menos verdade que políticos para quem a realidade é um conceito diferente do nosso têm dito o que têm dito. E continuam a dizer. Na prática, lançam cobertura de fumo para irem passando incólumes. E nós não temos conseguido furar a cortina de fumo, pondo tudo a descoberto aos olhos do povo. Com humildade, assumimos essa incapacidade.

Mais uma vez, percebemos hoje, nesta edição, que há uma migração das escalas técnicas da Terceira para São Miguel e Santa Maria. As escalas técnicas praticamente acabaram nas Lajes. Trata-se de um bom negócio - embora no caso da Terceira a fatia de leão de qualquer escala técnica (e de muitas outras operações, para não dizer todas...) vá parar aos orçamentos dos militares. Mesmo assim, uma escala técnica sempre rende alguma coisa aos negócios locais. Mas nem isso resta. Muito menos vale a pena sonhar com escalas técnicas em mercado aberto, com os militares fora do negócio e sem enfiços de toda a ordem. Afinal, a Base das Lajes é uma base militar. Percebe-

mos isso. E tudo o resto é fumo para obscurecer o cenário. Com sucesso, reconheça-se.

Em boa verdade, na Base das Lajes (e no espaço geoestratégico dos Açores) mandam os norte-americanos - e Portugal limita-se ao papel que lhe é reconhecido no sistema internacional vigente. Por acaso, trata-se de um papel muito subalterno - como é normal e inevitável, aliás. Compete aos políticos de Portugal ir disfarçando a coisa, para que o povo nunca perceba que Portugal vive disto. Vive de expedientes, em suma. Lisboa é perita em disfarces internos. Que ou são eficazes, ou os nossos políticos serão alvo da chacota pública. É assim há séculos.

No caso das escalas técnicas, junta-se o útil ao agradável - ou seja, a Terceira esvazia-se e São Miguel vai-se enchendo quanto pode, preparando a chegada de um novo aeroporto e o consequente esvaziamento também de Santa Maria. Quem viver verá!

A Terceira é uma ilha que desempenha funções militares - e por acaso bem mal disfarçadas. Tal estatuto esvazia a capacidade das suas infraestruturas para alavancarem qualquer intenção de arranque do desenvolvimento. Chama-se a isto oportunidade perdida. Tem custos. Quem paga? ❏

ANTÓNIO BULÇÃO [10]

Que vergonha para nós

"Não gostamos de ser enganados e, quando o somos, tentamos tudo para que a graça não se repita. O enganador fica "marcado", tem de ouvir pela cara fora "não me enganas outra vez"... Estranhamente, abrimos uma excepção para os políticos."

JOÃO BENDITO [19]

O nosso capitão

"Foi um Homem íntegro e honesto. Diria mesmo que foi um Homem feliz, superiormente respeitado por filhos e netos, que o acompanharam e nunca o abandonaram, até ao seu último dia. A eles, aos filhos e filhas, expresso aqui o meu agradecimento por terem cuidado dele..."

CARLOS BESSA, PRESIDENTE DO IAC

"O número de poetas esquecidos é enorme"

Em entrevista ao DI, o presidente do Instituto Açoriano de Cultura (IAC), Carlos Bessa, aborda a nova coleção de poesia para recordar nomes açorianos "absurdamente ignorados".

FOI LANÇADA EM LISBOA A OBRA "FUI AO MAR BUSCAR LARANJAS - POESIA REUNIDA", QUE DIVULGA A OBRA DE PEDRO DA SILVEIRA. O QUE SE PODE DIZER SOBRE ESTE POETA E ESCRITOR NATURAL DAS FLORES?

Dizer que era precisamente isso, poeta. E quase apetece dizer poeta com P maiúsculo, embora saibamos que Pedro da Silveira não gostava desses excessos retóricos. Mas, de facto, é um poeta com uma voz singular, que procurou também a poesia onde ela não existe, como nos disse no poema "Outra arte poética", publicado pelos finais do século passado. Além de poeta, foi um grande tradutor e divulgador da poesia de outras latitudes, como o comprovam as edições (1986 e 2002) de "Mesa de Amigos" ou poemas seus onde dialoga com poetas estrangeiros. É um homem que, tendo nascido na ilha das Flores, cedo partiu da terra natal, primeiro para outras ilhas e, depois, para Lisboa, onde desenvolveu ao longo de décadas um trabalho metódico quer quanto à promoção do arquipélago, quer quanto ao estudo das suas tradições e história literária, quer quanto à divulgação de poetas insulares. Além disso, como bem assinalou Fátima Freitas Morna na apresentação em Lisboa, na Biblioteca Nacional, a poesia de Pedro da Silveira, como a de Nemésio, deve bastante aos modos e processos da poesia tradicional e popular açoriana, que recriaram e deram a conhecer. Era, por tudo isso, um homem cosmopolita, que muito antes de se falar de globalização e de se apontar o arquipélago como lugar de pontes internacionais, já nos recordava, em 1962, os "americanos, filipinos, cubanos / e brasileiros, / venezuelanos / e uruguaios / - primos disper-

sos". E, sendo um poeta maiúsculo, foi sempre um acérrimo defensor da liberdade, mesmo quando fazê-lo acarretava perigos enormes. Ficou, por isso, com fama de homem difícil, algo que o próprio plasma no "Soneto de Identidade", onde se diz "Ilhéu / da casca até ao cerne - (...) / sem ambição maior que o livre Espaço". O que talvez ajude a perceber o advérbio usado por Diogo Vaz Pinto na crítica que recentemente publicou num jornal de distribuição nacional, sobre a edição desta obra poética, quando nos recorda que Pedro da Silveira foi "um poeta absurdamente desvalorizado".

ESTA OBRA É O PONTAPÉ DE SAÍDA PARA UMA NOVA COLEÇÃO DE POESIA EDITADA PELO IAC. O QUE SE PODE ESPERAR?

A intenção do IAC é precisamente relançar a obra de poetas açorianos "absurdamente" ignorados. Com a publicação de "Fui ao Mar Buscar Laranjas - Poesia Reunida" quisemos começar esse trabalho de divulgação e de chamada de atenção pegando precisamente num dos maiores, Pedro da Silveira. Tencionamos publicar outros poetas há muito esquecidos, num trabalho que é, de facto, serviço público, esperando, por isso, que as entidades públicas percebam a relevância e importância deste nosso labor. O próximo poeta a ser publicado é Mário Machado Fraião (1952-2010), natural do Faial. Outros poetas se seguirão, de outras ilhas. Até porque os Açores foram, nos séculos XIX e XX, um lugar de muitos e bons poetas. Esperemos que, à medida que esses livros forem saindo, haja, por parte da Secretaria da Educação e Cultura, uma campanha de sensibilização junto das escolas